

Doutor D. Manuel Cecílio Díaz y Díaz, *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra

D. Manuel Cecílio Díaz y Díaz, figura ímpar de académico e homem de Letras e Professor Emérito da Universidade de Santiago de Compostela, recebeu as insígnias doutorais da Universidade de Coimbra em cerimónia pública, realizada a 15 de Junho de 2002.

A solenidade, presidida pelo Magnífico Reitor Professor Fernando Rebelo, teve lugar, como é da praxe, na Sala Grande do Actos desta Universidade. Foi apresentante do candidato a Senhora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Professora Catedrática jubilada da Universidade de Coimbra. O elogio do homenageado esteve a cargo da Doutora Maria José Azevedo Santos. Enalteceu o alto patronato conferido à colação deste grau a Doutora Maria do Céu Fialho.

Para perenizar as palavras que foram pronunciadas em louvor do brilhante e profícuo magistério do Professor D. Manuel Díaz y Díaz e da sua compendiosa obra, publica-se, agora, o discurso pronunciado, na ocasião, pela Doutora Maria José Azevedo Santos, actual Directora do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Deste modo, o Centro de História da Sociedade e da Cultura, em apreço da elevada colaboração anteriormente prestada por este distinto Professor, tem a honra de se associar à jubilosa passagem do octogésimo aniversário do Mestre Dom Manuel Díaz y Díaz, celebrado em Agosto último, exaltando, muito justamente, a sua enorme sabedoria e generosidade.

Discurso da Doutora Maria José Azevedo Santos

Magnífico Reitor Cancelário

Senhor Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras

Ex.^{mas} Autoridades Religiosas, Cíveis e Militares

Senhores Doutores e Prezados Colegas

Senhores Assistentes e Investigadores

Caros Estudantes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

“A areia dos mares, as gotas da chuva, os dias da eternidade, quem os poderá contar?

A altura do céu, a extensão da terra e a sabedoria, quem as poderá medir?

E a quem foi manifestada a ciência da sabedoria? E quem pode compreender a riqueza dos seus caminhos?”

Hoje, nesta Sala Grande dos Actos, espaço de representação do poder dos saberes múltiplos, haverá ensejo de ouvirmos, não apenas a linguagem da sabedoria, de que nos falava Bem Sira no exórdio que acabo de evocar, mas também a daquelas ciências que os costumes e o pragmatismo dos tempos, às vezes, quase emudecem, como a Filologia Latina e Medieval, a Paleografia e a Codicologia entre várias outras. Mas será ainda ocasião de lembrar as relações entre Coimbra e Santiago de Compostela, duas cidades, duas igrejas, duas Universidades que, por guardarem tão bem as partes do passado que lhes são próprias, atingem a esfera do eterno. Lendas, peregrinações, cultos e santos, reis e rainhas, mercadores, prelados e religiosos, trovadores e segréis, professores e estudantes, todos têm contribuído, reciprocamente, em épocas, graus e natureza diversos, para o extraordinário intercâmbio religioso, cultural e universitário que Coimbra e a sua Universidade mantêm, de há tantos séculos, com Santiago de Compostela.

O Professor Manuel Cecílio Díaz y Díaz, Catedrático Emérito da Universidade de Santiago de Compostela, *Doutor Honoris Causa* pelas Universidades de Lisboa, Salamanca, e León, e a Senhora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Catedrática jubilada da nossa Faculdade de Letras que, aqui, lhe serve de patrono são, na verdade, figuras que, nesta tão singular e alta circunstância, simbolizam a aliança multissecular entre as Escolas cujo espírito tão nobremente representam e personificam. Numa cerimónia e num rito que, desde há séculos, a memória tem transmitido, o Professor Manuel Díaz y Díaz vai receber, dentro de momentos, a murça azul que o integrará, de pleno direito, no nosso claustro doutoral. Será um acto simbó-

lico que significa o superior reconhecimento devido à sua notabilíssima figura de investigador, de professor e de homem cuja vida, de há muito, atingiu uma dimensão que não conhece fronteiras.

Todavia, para que a atribuição do grau possa formalmente concretizar-se, torna-se indispensável uma oração que, na acepção mais antiga da palavra grega *uitós*, lhe celebre as qualidades e a autoridade de quem lhe serve de apresentante.

Por proposta do Instituto de Paleografia e Diplomática, deliberou o Conselho Científico da Faculdade de Letras cometer-me o encargo, tão feliz e honroso, quanto difícil, de traçar o perfil intelectual e científico do Doutorando.

O Senhor D. Manuel Cecílio Díaz y Díaz nasceu em Agosto de 1924, em Mugardos, vila piscatória da província da Corunha nas costas do Atlântico. Cresceu, pois, D. Manuel na conjugação cósmica da terra e da água, do granito e do sal, do solo húmido e frio que se fecha onde o mar começa.

Fácil se torna, assim, e quase inevitável, estabelecer uma relação intrínseca entre a força íntima daqueles factores e o seu porte, a sua disciplina de ferro, a sua inteligência profunda, o seu conhecimento sem limites, características que fazem dele um ser em permanente busca da memória do mundo. É este homem, galego de corpo e alma inteiros, que, depois de frequentar nas Universidades de Santiago de Compostela e de Madrid, o Curso Superior de Filosofia e Letras, nesta última, obteve, em 1945 e 1949 os graus de licenciatura e de doutoramento. Entretanto, em 1945, iniciara a sua actividade docente em Madrid e, após uma curta passagem pelos Institutos de Alicante e de Vigo, ingressara, já como Professor Catedrático de Língua e Literatura Latinas e Filologia Latina na Universidade de Valência. Contava, então, apenas, vinte e nove anos de idade. Mas, só em 1968 regressaria, definitivamente, à sua Universidade Compostelana fundada em 1502, a cujo desenvolvimento e prestígio dedicou muito do seu superno magistério. Compreende-se, por isso, que Don Ramón Otero Pedrayo tenha escrito dele: “Oh quién hubiera podido ser alumno suio”. E não admira, também, que em 1979, o Mestre tenha sido condecorado com a Grã Cruz da Ordem de Afonso X, o Sábio, na classe *Medalha de Mérito docente*, um dos mais importantes galardões espanhóis do seu género.

Filólogo, historiador da literatura latina clássica e medieval, codicólogo e paleógrafo, o Professor Díaz y Díaz tem desenvolvido, em todos estes domínios, uma actividade fecundíssima traduzida em cerca de cinco centenas de estudos publicados. Desde os seus primeiros trabalhos de investigação que parte do pressuposto metodológico, por ele erigido em regra, de que para conhecer a cultura antiga e medieval é necessário conhecer a língua, a escrita e os escritos dos homens, conservados naqueles monumentos quase sagrados que são os manuscritos.

Com efeito, os manuscritos, que D. Manuel define como os códices mais antigos em pergaminho até ao século XII, têm constituído, invariavelmente, o eixo da sua actividade de investigador, de professor, de tradutor, de editor e de orientador de dissertações de doutoramento de um considerável número de universitários portugueses, particularmente, de Coimbra e Lisboa. Com um profundo sentido missionário da sua existência de estudioso, pesquisou, nas últimas décadas, os fundos de muitas bibliotecas e arquivos tanto na Europa como na América. Assim se compreende que tenha sido ele o primeiro filólogo peninsular a reunir, estudar e publicar de forma sistemática:

Os autores latinos peninsulares da Idade Média e do Renascimento.

Os códices e fragmentos visigóticos da monarquia leonesa.

Os manuscritos visigóticos do Sul da Península.

E, mais recentemente, em colaboração, o *Corpus* de Códices Visigóticos, pré-elaborado pelo Prof. Millares Carlo, de saudosa memória. Nessa linha de inovador pioneirismo, coube-lhe o criterioso tratamento editorial de textos alto-medievais de que saliento as obras *De ordine creaturarum*, a *Vita Fructuosi* e a *Vita Sancti Rudesindi* esta estudada já em 1970, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. O seu labor incansável não se limita, porém, ao estudo de autores e edição de textos no vasto campo da Filologia Latina. Ele “pensa por dentro das palavras” como dizia o insigne professor, tão profundo conhecedor da Língua Portuguesa, que foi Vitorino Nemésio. E este cuidado, feito de procura, de talento e de saber, manifesta-se quer se trate de Séneca, Petrónio ou Santo Agostinho, quer incida sobre escritores anónimos dos séculos VII a XII; período em que o latim manteve, e tanto contribuiu para manter, a marca literária que os antigos haviam elevado à suma perfeição e que, por isso, não pode, como opina o Mestre, considerar-

se de forma simplista como aquele latim pejorativamente conhecido por vulgar, baixo, tardio, bárbaro, medieval e até latão. Mas esta linha dominadora, não apaga na sua obra, coordenadas, para mim, igualmente grandes.

Na verdade, partindo da Filologia Latina Clássica e Cristã, chega D. Manuel ao domínio da cultura e das mentalidades da Alta Idade Média, em particular ao da cultura eclesiástica nos seus multifários aspectos, que vão do bíblico ao patrístico, do litúrgico ao monástico, e do hagiográfico ao literário. E, para além disso, acede, também, qual peregrino do caminho dos caminhos, à descoberta da religiosidade e do culto populares do Apóstolo Santiago a quem venera com Fé veemente mas sadia. Afinal é por estas andaduras, da investigação e do estudo que, na sua obra, se misturam, de forma admirável, as Ciências da Codicologia e da Paleografia. No seio da primeira, ergue-se, de novo, o manuscrito.

O Mestre olha, agora, o códice, feito um túmulo, que quase profana, no acto de o abrir e de lhe desvendar as origens da sua magia e poder.

Em 1979, publica D. Manuel *Libros e librerías en la Rioja altomedieval*. Aí escreve: “Detrás de cada códice, esconde-se um mundo de desejos, de ideias, de projectos e até de meios materiais. Estudar os manuscritos não é só questão de interesse literário ou cultural mas também algo que diz respeito à história das mentalidades.” O filólogo converte-se, deste modo, no codicólogo e historiador da cultura que vê no manuscrito um produto *unicum*, resultado de um trabalho artesanal colectivo, sempre singular e irrepetível. Com o Mestre, aprendi um dia, em Munique, (corria o ano de 1981), ao contemplar, maravilhada, uma bíblia medieval em pergaminho purpurado, escrita a ouro, que um códice não é só um conjunto de impressões digitais. Há que olhar e ver. Ver os pergaminhos “ora pele branca como a neve, ora morena como o marfim velho, ora velino brando como pele de rapariga”, na prosa de Aquilino Ribeiro. Ver o ouro opulento ou a côr litúrgica das tintas, ver e escutar o copista.

Pelo *scriptorium*, palco de grande parte da vida monástica do ocidente europeu dos séculos V-XII, passava, antes de tudo o homem, ser com os seus sentimentos, mentalidade e cultura própria; mas passavam, igualmente, ideologias e doutrinas, estratégias políticas e económicas. É o sortilégio da

cópia de manuscritos tratado por D. Manuel, com a arte e estética que tantos encerram, em trabalhos modelares como “O escritório de Valerânica” e “Escritores do mosteiro de Al Belda”. Levaria longe o paradigma do lugar da memória, por excelência, na Idade Média. Da sua ligação ao domínio real e virtual nasce esse saber abstracto que Levy Strauss definiu como “algo de estranho” e que é a escrita.

A Paleografia, desde há mais de três séculos, que faz, em paralelo com a Antropologia, a Sociologia, a História, a Diplomática e outras ciências, a exegese desse saber e dessa técnica.

Em 1974, foi criado pelo Prof. Cónego Avelino de Jesus da Costa, egrégio medievalista, meu Mestre nesta casa, cuja memória lembro neste momento e neste lugar, com respeitosa e sentida emoção, o Instituto de Paleografia e Diplomática. É o único no género em todo o país e, de há muito, adquiriu lugar próprio, não apenas no âmbito nacional, mas também no plano internacional, tendo tido, até hoje, por Directores, o Professor Salvador Dias Arnaut, que recordo com carinho, de 1978 até 1983, e a partir desta data, até ao presente, a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho. Entretanto, em 1981, o Prof. Díaz y Díaz, distinto membro do *Comité International de Paléographie Latine*, empenha-se, com todo o seu saber e prestígio, ao lado desse seu amigo de sempre, o Padre Avelino, na orientação científica daquela que viria a ser a primeira dissertação de doutoramento apresentada e publicada em Portugal na área da Paleografia e Diplomática latinas medievais. Coube-me o privilégio de realizar esse trabalho, pioneiro nas suas características e metodologia, mas que viria, depois, a ser desenvolvido e continuado pelos colegas, Doutor Saúl Gomes e Mestre Rosário Morujão, e pelos alunos. Todos têm feito dele um verdadeiro selo da identidade cultural e institucional da nossa Universidade.

Com efeito, o interesse dos nossos jovens estudantes e investigadores pela ciência do “preto no branco” parece contrariar, neste início do século XXI, a crescente opção pela palavra, pelo som, que tudo querem dominar e que nem já o vento consegue levar como no passado, esquecidos, que tantos andam, de que o passado só é eterno pelo cálam, pela pena ou pelo cinzel.

Conhecer o passado pela mão da Paleografia é um labor fascinante. Mas essa Paleografia tem de nos fazer descobrir a presença do universo humano como escreve, e me ensinou, o Prof. Díaz y Díaz.

Nas letras antigas, autógrafas ou heterógrafas, cursivas ou elegantes, expostas ou fechadas, de função ideológica ou administrativa, encontramos sempre o homem nas suas relações políticas, culturais, sociais e religiosas com o mundo que o rodeia.

Como num espelho, o homem pela escrita também perde o corpo. Porém, com uma diferença: a escrita põe-no em memória e torna-o imortal, enquanto a imagem, num instante fixada no aço frio do espelho, logo se esvai, sem sequer deixar de si uma leve recordação.

Que força tem essa capacidade de segurar a palavra ao pergaminho, às pedras ou ao papel! Uma força tal que o Padre António Vieira, no Sermão da 3.^a Dominga da Quaresma, pregado em 1655, na Capela Real, podia dizer:

“Três dedos com uma pena podem ter muita mão; por isso não hão-de ser mais que dedos. Com estes dedos não há-de haver mão, não há-de haver braço, não há-de haver ouvidos, não há-de haver boca... não há-de haver homem. A razão disto é que se os dedos não forem muito seguros, com qualquer jeito da pena, podem causar grandes males”.

Sei que há tempo de falar e tempo de calar. Direi, no entanto, a concluir, que não se pode estudar a Filologia Latina Clássica e Medieval, a Paleografia e a Codicologia peninsulares do último meio século sem o contributo indelével que o Professor Díaz y Díaz, nos mais diversos aspectos, lhe insculpiu numa acção de paciente e rigoroso estudo.

Magnífico Reitor

Como escreveu Vergílio Ferreira: “Uma obra é o que é e mais o modo de a fazermos ser o que nela somos, nós.” Certa da imperfeição das palavras ditas, basta-me considerar a autoridade magna da ilustríssima Apresentante, a Senhora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, cuja figura e obra serão louvadas, de seguida, nos termos dos nossos estatutos mas também por imperativos de singular justiça e reconhecimento, pela minha Colega Doutora Maria do Céu Fialho, para vos pedir que concedais ao Professor Manuel Cecílio Díaz y Díaz a borla dos Doutores de Coimbra, fiança da consagração que esta Universidade aqui lhe veio outorgar.

